

ENSINO REMOTO: Desafio docente em uma escola do campo

Myrna Gowert Madia Berwaldt¹

Patrícia Weiduschadt²

Eixo temático: 10: Alfabetização e pandemia:
desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo: Este trabalho teve como objetivo conhecer os desafios do ensino remoto vivenciados por uma professora, que atuou no ano de 2020 em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola localizada na zona rural de Canguçu (RS). A pesquisa ocorreu de forma virtual, portanto as entrevistas foram realizadas de modo *on-line*, pelo *Google Meet*, assim como o envio dos documentos, tais como fotografias, vídeos, planejamentos, ocorreu por meio do *WhatsApp* e/ou e-mail. Dos impactos acarretados pelo ensino remoto neste contexto, destaca-se: i) o acirramento das questões de desigualdade social, principalmente no que concerne ao acesso às Tecnologias Digitais (TD); ii) Sobrecarga de trabalho e desgaste emocional da professora, iii) Limitações das famílias, no auxílio às crianças para a realização dos estudos; iii) Fragilidades relacionadas a avaliação das crianças. Depreendeu-se dos resultados da pesquisa que o ensino remoto não foi uma ferramenta que promoveu o acesso igualitário à educação e que, sim, fortaleceu as desigualdades sociais existentes.

Palavras-chaves: Ensino Remoto; Docência; Pomeranos.

Introdução

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa realizada entre os anos de 2020 e 2021, no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)³ na região sul do país (RS), durante a pandemia Covid-19 e versa sobre os desafios vivenciados por uma professora que atuou no terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2020, durante o ensino remoto. A escola em questão situa-se na região do campo no município de Canguçu (RS), uma comunidade formada, predominantemente, por descendentes de pomeranos.

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE da UFEPel. Contato: myrnaberwaldt@yahoo.com.br

² Doutorado em Educação, ênfase em História da Educação pela UNISINOS. Contato:prweidus@gmail.com.

³ Trata-se de uma pesquisa de mestrado, orientada pela professora Dra, Gabriela Medeiros Nogueira.

A emigração dos pomeranos para o Brasil, ocorreu de forma mais significativa em meados do século XIX. Durante esse período, até os dias atuais, percebe-se escassas iniciativas educacionais voltadas para as especificidades deste povo, que mesmo na atualidade preserva características marcantes. Este dado foi evidenciado após a conclusão trabalho de estado do conhecimento⁴, dentre as principais características da cultura pomerana indicadas nas pesquisas estudadas, a Língua Pomerana revelou-se o mais significativo aspecto de diferenciação em comparativo com os demais povos teuto brasileiros. Além da língua, a religiosidade (protestante), festividades, campesinato, culinária, arquitetura das casas, foram citados como características preservadas pelos descendentes pomeranos que vivem no Brasil.

O contato com a professora participante da pesquisa ocorreu de modo informal, a partir de uma rede estabelecida com professoras pomeranas atuantes nas escolas do município via *WhatsApp*. A professora participante da pesquisa é descendente de imigrantes pomeranos, nasceu e vive até a atualidade no interior do município de Canguçu-RS. Filha de agricultores (tabaco), e sua língua materna é a pomerana, porém aprendeu concomitante a falar o português. Sua formação docente teve início no curso de Magistério no ano de 2001, posteriormente concluiu a graduação em Pedagogia no ano de 2007. Exerce a profissão docente há 22 anos, além disso sempre trabalhou na lavoura.

A turma de terceiro ano, é constituída por um grupo de crianças com idade entre 8 e 9 anos, dentre elas, 18 são descendentes de imigrantes pomeranos, família de fumicultores.

Com o agravamento da pandemia Covid-19, muitas limitações implicaram no processo de coleta dos dados, devido a impossibilidade de inserção no campo empírico de forma presencial, instabilidade de *internet*, e demais fatores.

Desta forma, as entrevistas com a professora foram realizadas no formato *online*, sendo essa, uma das estratégias utilizada para a produção de dados. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 65), entrevistas de abordagem qualitativa propiciam “a compreensão detalhada de crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos”.

A primeira entrevista realizada com a docente⁵ ocorreu em setembro de 2020 e, para esta etapa, foi elaborado um roteiro de perguntas, com objetivo de conhecer sobre sua trajetória de vida e docência. Posteriormente, o contato aconteceu via *WhatsApp*, veículo utilizado para o envio de documentos como: planos de aula, fotografias, filmagens, produções dos alunos, Projeto Político Pedagógico.

⁴ Disponível em : <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1222>

⁵ A professora participante da pesquisa assinou o termo de livre esclarecido, autorizando o uso de imagens, documentos enviados, bem como dos resultados das entrevistas, que após transcrição foi aprovada por ela.

Após a leitura dos documentos fornecidos pela professora, foi realizada uma nova entrevista no mês de janeiro/2022, desta vez o roteiro foi organizado de acordo com as dúvidas que surgiram durante a análise dos documentos e novos encaminhamentos da pesquisa.

A sistematização dos dados ocorreu de forma intuitiva, como descrito em Moraes, Galiuzzi (2007, p. 24), “Chegar a um conjunto de categorias por meio da intuição exige integrar-se num processo de auto-organização em que, a partir de um conjunto complexo de elementos de partida, emerge uma nova ordem”. Desta forma os dados foram organizados, reorganizados, a partir de perspectivas emergentes no processo de produção e análise dos documentos.

A seguir apresentaremos dados que permitem visualizar os desafios enfrentados pela professora e seus alunos.

2. Os desafios do ensino remoto em uma comunidade do campo

Os desafios elencados pela professora durante o ensino remoto, vão ao encontro dos resultados divulgados no relatório técnico parcial da pesquisa “Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 - relatório técnico (parcial)”. E no livro “Retratos da alfabetização na pandemia Covid-19, resultados de uma pesquisa em rede”. Atentaremos aos dados produzidos no Rio grande do Sul apresentados no capítulo “Alfabetização no Ensino Remoto: mapeamento dos dados do Rio Grande do Sul”, que indica a implementação do ensino remoto como uma alternativa “meio termo” para 65% das professoras atuantes no Estado, em elevada proporção as docentes consideraram o ensino remoto como “um problema”, como “não adequado” (NOGUEIRA et al, 2022, p. 111).

Os dados obtidos no (RS) indicam que apenas 16% das professoras manifestaram ter tido uma preparação para atuar de forma remota. Não houve, portanto, obrigatoriamente a oferta de espaços formativos para aprendizagens, diálogo sobre como organizar as manobras necessárias à alfabetização, como orientar as famílias para o auxílio das crianças, possibilidades para o planejamento e avaliação frente as dificuldades como retorno custoso das atividades, ou a não realização delas.

Em relação as ferramentas e plataformas digitais empregadas no período de pandemia Covid-19, os dados indicam que a principal escolha das professoras participantes da pesquisa foi o *WhatsApp* e o *Google Classroom*, e ainda o *Facebook* que foi também utilizado de forma significativa (NOGUEIRA et al, 2022).

Ante ao exposto, destacamos que os resultados deste trabalho demonstram que a professora participante da pesquisa não teve a oportunidade de preparar-se para o trabalho no ensino remoto,

“Nesse começo de pandemia, que foi no dia dezessete de março, estávamos na escola planejando as atividades da semana e simplesmente chegamos em casa e a diretora já havia enviado um áudio dizendo que não teríamos mais aula presencial. E aí sim.... aí foi um grande susto fazer o quê? Como? os alunos não tinham internet, eram pouquíssimos os alunos que tinha internet! (...)” (Entrevista I, Setembro/ 2020, p. 3)

A fala da professora, suscita uma temática que a pandemia trouxe à tona: o cenário díspar que expõe a realidade de muitos alunos, a precariedade no acesso às tecnologias digitais. No site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), consta que a cada 4 brasileiros, 1 não tem acesso à internet. De acordo com Santos (2021) o crescimento da desigualdade no Brasil é intrínseco aos processos da globalização. Diante disso, algumas das características da globalização são marcantes como: a intensificação da disputa entre territórios, produção e consumo, acesso aos sistemas tecnológicos de forma díspar. De acordo com Albuquerque, Ribeiro (2021, p.3):

A desigualdade socioespacial expressa o princípio da diferenciação e da relação assimétrica entre os lugares, com combinações específicas de condições e circunstâncias, que variam qualitativa e quantitativamente em cada lugar, na totalidade do mundo. Compreende-se que desigualdade socioespacial não se limita à variação ou segregação, ela é produto da seletividade. Resulta da produção concomitante de abundância e escassez dentro de uma ordem de desenvolvimento desigual e combinado em todas as escalas. A produção, extração e transferência de valor de um lugar para outro e entre frações de classe revelam as formas da acumulação desigual de capital no espaço e a atuação aparentemente paradoxal do Estado.

As reflexões sobre desigualdades sociais tornam-se necessárias, pois se agravaram no período do ensino remoto. No contexto da pesquisa dentre as 22 crianças 17 não tinha acesso à *internet* banda larga em suas residências. Além das limitações de acesso a rede de internet, as crianças também não possuíam as ferramentas que forneceram suporte para aulas online, apenas duas crianças tinham computador em suas residências. Os demais precisaram recorrer aos familiares, utilizavam celulares emprestados dos pais para estudar, muitas vezes dividiam o aparelho com os irmãos. Estas dificuldades foram também citadas pela professora, a internet que ela possui é via rádio, e apresenta muita instabilidade. Também não conhecia as plataformas utilizadas para a realização das aulas virtuais assim como o *Google Meet*.

Observa-se, assim, que o ensino remoto acentuou a desigualdade de condições de acesso e continuidade à educação das diferentes camadas sociais da sociedade; enquanto as escolas particulares rapidamente se organizaram para atender os alunos por meio de aulas remotas, síncronas e com plataformas educacionais, as crianças das camadas populares ficaram em um limbo, sem acesso aos encontros virtuais, comunicação direta com as professoras e, ainda, sem as orientações e intervenções tão necessárias no processo de alfabetização (NOGUEIRA, et al, 2022, p. 121).

Diante desse cenário, é preciso reforçar que a escola pública enfrentou muitos desafios, e com a escola pública no campo, não foi diferente principalmente pela exclusão digital, considerado um dos problemas das demandas das aulas *online*. Tal fato, comprometeu severamente a educação das crianças que vivem na zona rural, como o caso desta pesquisa.

No decorrer do ano de 2020 devido a precariedade de acesso à internet, a comunicação da professora com as famílias e alunos foi comprometida. Não foi possível realizar o envio de atividades, nem material para impressão. Em um dado momento foi cogitado disponibilizar na escola materiais produzidos pela professora, contudo as longas distâncias que se localizam as casas dos alunos da escola inviabilizaram tal alternativa. Diante disso uma estratégia de emergência acordada pela professora juntamente com a gestão escolar foi a utilização dos livros do projeto Ápis disponibilizados pelo município. Os livros didáticos de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Artes, foram entregues para as famílias em datas e horários combinados, juntamente com as primeiras instruções escritas pela professora. Porém, essa forma de trabalho não deu certo segundo a professora:

Aquela coisa de só faz página tal do livro e retorna, foi a coisa mais sem fundamento que eu já fiz em toda minha vida! Sabe, o ano de 2020 assim foi para marcar, um ano que eu me senti inválida como professora. Porque a gente via que aquilo ali muitas vezes não eram os alunos que tinham feito, eles fizeram de qualquer jeito porque não sabiam, não tinha quem explicasse (Entrevista I, Setembro/ 2020, p. 4)

A professora se sentiu frustrada, pois não é adepta do uso de livros didáticos, para ela “os livros presumem que os alunos estão em um mesmo nível de aprendizado, e nós sabemos que isso não é verdade. O livro como método único impossibilita o olhar individualizado para as crianças” (Entrevista I, Setembro/2020, p. 5).

Estes dados citados pela professora, foram também constatados no Relatório Técnico citado anteriormente, indicam dificuldades em relação a participação dos alunos e retorno das atividades, apenas 7% das professoras afirmam que todos os alunos retornam as atividades.

Houve muita dificuldade em relação a continuidade dos estudos em casa, para a professora um dos grandes desafios da pandemia foi lidar com a frustração das mães “[...] porque eu levei muito desaforo! As mães não queriam aquilo, por que elas não elas não estavam dando conta, não conseguiam ensinar sabe? Estavam cansadas, foi bem, bem difícil!” (Entrevista II, janeiro/ 2021, p. 3). As mães se sentiram perdidas segundo a professora, inseguras com o papel de ensinar e mediar o ensino, e de certa forma a culpabilizaram por tais demandas. As atividades dificilmente retornavam para professora, e muitos voltavam incompletos.

As questões de gênero são muito fortes desde muito cedo na cultura pomerana, aspecto tratado por Joana Bahia em suas pesquisas. Os procedimentos envolvendo o trabalho familiar no contexto pomerano de acordo com Bahia (2011, p. 137)

[...] carrega dimensões simbólicas que o fazem construir não apenas espaços agrícolas, mas também espaços sociais. [...] no caso do trabalho camponês, a unidade familiar – São também modelo de hierarquia e de gênero. A transmissão do saber para o trabalho é realizada na divisão de tarefas por idade e sexo estabelecida pela organização familiar durante a execução do trabalho. O chefe da família é a autoridade da casa camponesa; para os pomeranos a figura paterna é quem comanda o trabalho, logo é quem governa o saber fazer.

E este governo do saber, não se limita aos procedimentos empregados na realização das tarefas, mas envolve a construção e perpetuação de crenças, valores, costumes, construção de papéis sociais.

Os resultados demonstram que as mães das crianças que compõe o grupo de alunos da professora, tem um papel fundamental na família, nas relações de trabalho com a lavoura, o entorno da casa, tarefas domésticas, educação dos filhos. As questões de gênero permeiam as divisões destas tarefas, “Sua socialização para o trabalho é diferenciada de acordo com o sexo, a figura materna é a principal educadora dos filhos” (BAHIA, 2011, p. 147). A mãe, é portadora das responsabilidades educacionais das crianças, enquanto o pai, ou padrasto foram citados como auxiliares secundários, ajudavam quando podiam.

Os dados construídos evidenciam que o ensino remoto em concordância com Macedo, Cardoso está (2022, p. 17). “[...] longe de uma simples adequação no formato, essa alteração provocou adequações pedagógicas e curriculares constituindo-se num grande desafio para os que atuam na linha de frente da educação e da alfabetização” Os resultados também desvelam a profunda desigualdade “do acesso às Tecnologias Digitais (TD), e as condições de realização ambiente doméstico, tanto do exercício profissional, por parte dos professores, quanto de atividades tipicamente escolares, por parte das crianças” (MACEDO, CARDOSO, 2022, p. 17).

3 Considerações Finais

É necessário manifestar que a implementação do ensino remoto em âmbito nacional, trouxe à tona aspectos das desigualdades escamoteadas em nosso país. Enquanto parte das crianças detiveram todos os recursos cabíveis para cursar a modalidade do ensino remoto com menor impacto negativo, outra parte se encontrava totalmente desprovida de recursos tecnológicos básicos para prosseguir estudando.

O planejamento do ensino remoto, desconsiderou o fato de que grande parte da população brasileira não tem acesso ou não domina as ferramentas tecnológicas requeridas para o processo *online*. Diante disso, ponderamos que a globalização é assimétrica, seletiva e, portanto, reforça sequelas de um discurso que posiciona todos os cidadãos em um mesmo patamar.

O trabalho com os livros didáticos, de acordo com a fala da professora, foi uma estratégia viável, pois além das crianças não possuírem estrutura para acompanhar as aulas *online*, as propriedades em que as famílias vivem ficam distantes da escola. Contudo, foi muito desafiador ante ao fato que os conteúdos deveriam ser trabalhados em casa com as crianças, e quem assumiu este trabalho foram as mães. As mães sofreram com a sobrecarga e sentimento de incapacidade de auxiliar os filhos nas tarefas escolares, e o sentimento de desapontamento e esgotamento foram aflorados durante o ensino remoto, pois foi mais uma tarefa atribuída a rotina destas mulheres. Porém, o peso desta responsabilização recaiu diretamente aos ombros da professora, que precisou mediar o processo educacional e como em suas palavras “engolir desaforos”.

Outro empecilho foi a avaliação, que foi um processo desconforme. Durante a entrevista realizada no ano de 2022, foi possível perceber desapontamento da professora diante da incapacidade de concluir uma avaliação coerente sobre aquele ano letivo, pois ela não acompanhou o desenvolvimento individual das crianças, sequer manteve contato em considerável período com elas.

Referências

ALBUQUERQUE, Mariana Vercesi de; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da COVID-19 no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2021.

ALFABETIZAÇÃO em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19- Relatório Técnico (Parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização**, n.13, p. 185-201, dez 2020. DOI: <https://bit.ly/3unofh7> .

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, 516p.

BAHIA, Joana D’Arc do Valle. **“O tiro da bruxa”**: Identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro.

DO CARMO GALIAZZI, Maria; DE SOUSA, Robson Simplicio. O que é isso que se mostra: o fenômeno na análise textual discursiva?. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 15, n. 4, p. 1167-1184, 2020.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes, CARDOSO, André. Alfabetização de crianças na pandemia da Covid-19 no Brasil: uma análise estatístico-descritiva. In: **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19** : resultados de uma pesquisa em rede . Organização Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. - 1. ed. -São Paulo : Parábola, 2022.

NOGUEIRA, Gabriela, et al. Alfabetização no ensino remoto: mapeamento dos dados do Rio Grande do Sul e a emergência de Pedagogias do possível. In: **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19** : resultados de uma pesquisa em rede . organização Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. - 1. ed. -São Paulo : Parábola, 2022.